

Episódio 7: “Qualidade da cobertura jornalística de conflitos internacionais”

[mix de ruídos introdutórios]

Luís Pinto [apresentador]: Estados do Tempo. Porque a qualidade da cobertura jornalística de conflitos internacionais é um bem de primeira necessidade.

[música]

Luís Pinto: Olá e sejam bem-vindos a mais uma edição do Estados do Tempo. Neste, que é o sétimo episódio do podcast, desta vez da responsabilidade do BIP, o Barómetro para a Qualidade da Informação, a conversa entre Luís Loureiro...

Luís Miguel Loureiro [moderador]: Os refugiados surgem dos conflitos, das guerras, etc., que de facto já marcaram a década anterior, agora parece que temos o mundo todo a explodir à nossa volta, não é? Portanto, e já nem se fala dos refugiados, já nem se fala das crises de refugiados que podem vir aí por causa daquilo que está a acontecer. E depois fala-se de alguns refugiados e não se fala de outros. Portanto, visibiliza-se uns em detrimento de outros.

Luís Pinto: Do outro lado, vai estar Catarina Santos.

Catarina Santos [convidada]: Eu devo dizer que eu era ainda muito juvenzinha quando tive o privilégio, por exemplo, de começar a acompanhar a chamada crise dos refugiados. Ali em 2014, até antes daquela vaga toda chegar à Europa. E eu tive a sorte de ter chefes que perceberam a urgência do assunto e que perceberam que, já sendo difícil, lá está, numa redação, libertar uma pessoa para ficar tanto tempo de volta de um assunto, perceberam que era importante e que me impulsionaram a fazer isso.

Luís Pinto: O nosso moderador, Luís Miguel Loureiro, é professor de jornalismo na Universidade do Minho. Leciona disciplinas na área da verificação e da investigação jornalística. Faz parte da equipa de coordenação do BIP. A carreira de jornalista durante quase 30 anos, em rádio e televisão. Incluiu reportagens de guerra, no Líbano, e inúmeros trabalhos sobre situações de conflito. Catarina Santos é jornalista há duas décadas. É a única repórter portuguesa que arrecadou duas vezes seguidas o Prémio Gazeta. É o principal prémio de jornalismo em Portugal. Com passagem pelo Observador, é na Rádio Renascença que Catarina Santos desenvolve o seu trabalho, que tem ficado marcado por um percurso na grande reportagem de assuntos do noticiário internacional, como as crises de refugiados resultantes das guerras das últimas décadas.

Luís Miguel Loureiro: Estamos com Catarina Santos, jornalista. É a primeira, penso eu, a primeira não académica, ou pelo menos sem um perfil profundamente académico, que nós vamos ter no Estados do Tempo, neste sétimo episódio. Número mágico, sete. Olá Catarina. Catarina, no entanto, já tem aqui alguns sobrevoos da academia. Já estive a dar aulas na Universidade do Minho, recentemente, de jornalismo. Precisamente na área onde tu te tens distinguido. Desde logo com os teus prémios Gazeta. Eu penso que tu foste a primeira pessoa, e se calhar ainda és a única, a ter dois Prémios Gazeta seguidos. Pelo menos na área do multimédia, não é?

Catarina Santos: Não sei confirmar essa informação, se ainda é a única. Isso não sei, não sei.

Luís Miguel Loureiro: É inverificável a pergunta, neste momento, a partir da situação em que nos encontramos. Ora, a Catarina Santos tem uma longa experiência já como jornalista, apesar de nós termos sempre a sensação de que nos conhecemos há muito pouco tempo. Mas é uma longa experiência de cerca de duas décadas, já como jornalista, na Rádio Renascença, essencialmente, que é onde, penso, tu começaste, a sério, a tua abordagem profissional.

Catarina Santos: Sim.

Luís Miguel Loureiro: Estás novamente na Rádio Renascença, mas passaste, também, pelo Observador.

Catarina Santos: Sim.

Luís Miguel Loureiro: E, nestes 20 anos, tu tens-te dedicado muito ao noticiário internacional, às preocupações com o mundo, sendo também um bocadinho pioneira, penso eu, naquilo que é uma preocupação, hoje, absolutamente fundamental das redações, que é a necessidade de regresso ao noticiário internacional. Já agora, Catarina, gostava de saber, até porque é um dos temas desta nossa conversa, como é que tu olhas para a qualidade do noticiário internacional que nós vamos tendo em Portugal, sabendo que os média se desligaram muito do noticiário internacional. E não é só um fenómeno português, infelizmente. Já está mais do que estudado a falta de qualidade do noticiário internacional por aí fora.

Catarina Santos: Antes de mais, muito obrigada pelo convite. É um prazer estar aqui. Eu acho que o que acontece nesta área não se pode desligar daquilo que são as circunstâncias das redações, ou da maior parte das redações, hoje em dia, não é? O que acontece hoje é que há muito menos meios para colocar jornalistas no terreno. E fazer... cobrir o internacional, bem, só a partir do que nos chega pelas agências ou dos telefonemas que conseguimos fazer, a partir da redação, resulta necessariamente numa cobertura mais pobre. E tenho a certeza que esta é uma frustração que os jornalistas das secções de internacional enfrentam diariamente, não é? Porque a esmagadora maioria deles... não, não... não será a grande risco dizer que preferia ir muito mais vezes ao terreno, até porque é aí que conseguimos contar as histórias bem, conseguimos fazer o equilíbrio, muitas vezes difícil, que os cenários complexos, e que não são os nossos cenários do dia-a-dia, e que, portanto, acrescentam aqui muito mais de necessidade de investigação própria e de diversidade de fontes, e... Portanto, eu diria que essa cobertura, hoje em dia, salvo muitas muito honrosas exceções, sobretudo em Portugal, é, necessariamente... muitas vezes, fica aquém daquilo que seria desejável.

E isto depois tem também a ver com uma série de outros fatores, a maneira como as pessoas consomem notícias, a atenção que dão às notícias, a forma como procuram, ou nem sequer procuram, não é? Como são... parece uma contradição em si mesma.

Luís Miguel Loureiro: Aquilo que está lá longe está fora do meu âmbito de preocupações, não é?

Catarina Santos: Também, e também porque... O que é que acontecia quando nós líamos jornais? Acontecia que nós tínhamos uma curadoria, e, portanto, a informação não vinha cair ao nosso colo, ao nosso *feed*. Nós virávamos uma página, e, de repente, podíamos estar muito interessados num assunto no qual nunca tínhamos pensado sequer que podíamos ter interesse. E uma história podia cativar-nos para algo que nós nunca tínhamos pensado. E a maneira como nós consumimos, hoje, informação na internet é completamente diferente, não é? Na internet, e até já, nós já nem vamos diretamente aos sites procurar notícias, porque senão esse mesmo efeito poderia acontecer. Mas, aquilo que aparece no nosso *feed* vai também limitando um bocadinho aquilo que são os nossos interesses, não é? Portanto, uma coisa tem sempre a ver com a outra, também.

É a maneira como as pessoas consomem e as condições que existem, também, na maioria dos órgãos, ou a falta delas, não é? Para se mandar mais pessoas para o terreno.

Luís Miguel Loureiro: Esse é um dos grandes problemas, e tu assististe, basicamente, à evolução recente desta situação nas redações, não é? Eu acho que, basicamente, tu nunca viste redações ultrapovoadas.

Catarina Santos: Não.

Luís Miguel Loureiro: Tu já és do tempo do jornalista... Como é que se diz? Do canivete suíço, não é?

Catarina Santos: Canivete suíço, sim, sim.

Luís Miguel Loureiro: O jornalista que faz tudo.

Catarina Santos: Não, ainda por cima, eu sou jornalista multimédia, por definição, é aquilo que eu faço há muitos anos, e, portanto, sou particularmente canivete suíço. O que, deixa-me dizer-te, que, só por si, não é uma coisa necessariamente má. Os instrumentos não podem estar a ser usados todos ao mesmo tempo. Ou seja, ser canivete suíço, no sentido de gostar, e dominar várias ferramentas, não é um problema em si. O problema é se tivermos que estar a usar essas ferramentas todas ao mesmo tempo, não é? O que seria uma impossibilidade também para qualquer pessoa com um real canivete suíço na mão, não é? Se tivermos que resolver qualquer problema com todos aqueles utensílios ao mesmo tempo. Isso vai dar mau resultado, não é?

E também nunca conheci uma redação de vacas gordas, pronto, com... Lá está, com essa capacidade financeira para poder decidir enviar jornalistas de forma mais frequente para os cenários que o justifiquem.

Luís Miguel Loureiro: E aí, claro, quanto mais longe, pior é, não é? Os custos são avultadíssimos. Colocar um jornalista, hoje, no terreno não é a mesma coisa que colocá-lo há 20 ou 30 anos, em que havia gente na redação para cobrir aquela falha. Agora, um jornalista que falhe na redação já é menos uma peça importante da máquina. E, portanto, há aqui... De facto, sofre tudo, não é? No fundo, sofre o jornalismo, digo eu.

Catarina Santos: Sim, sim, sim, sem dúvida. Dá-nos muito menos margem. Até para... Voltando ao tema do interesse do público. É mais difícil nós captarmos o interesse do público e convencê-lo de que aquela realidade tem uma história à qual vale a pena prestar atenção se nós estamos só a reproduzir telexes. Já nem são telexes, mas, isto sim, já é linguagem antiga, mas... *Takes* de agências de notícias, que, muitas vezes, essas próprias agências de notícias já dependem de *freelancers* que estão em determinadas zonas de mais difícil acesso. Portanto, já nem são os próprios trabalhadores, muitas vezes funcionários, dessas empresas que estão no terreno. Portanto, toda esta cadeia faz com que, depois, as histórias que nós contamos não sejam assim tão apelativas, não é? Porque as histórias que nós contamos, se nós formos ao terreno, são, para já, muito mais humanas, necessariamente. E depois conseguem... Quando são histórias... Nós

relacionamo-nos com histórias humanas, não é? Nós precisamos disso. E quando estamos a descrever um evento internacional, por mais relevante que seja, a partir, só, de notícias de agência, factos, um encadear sucessivo de números, e sem dar um rosto a esses números, as pessoas, mesmo que, no início, até tenham interesse, vão perdendo, não é? Isso é só humano, é assim que nós funcionamos.

Luís Miguel Loureiro: Faz sentido nós pensarmos, Catarina, na situação em que o jornalismo, nomeadamente o noticiário internacional, está, de algum modo, colonizado pelas grandes agências de informação, que vêm basicamente de França, de Inglaterra e dos Estados Unidos, e, portanto, que estão presentes em todo o mundo, têm meios, ainda, para estar presentes em todo o mundo, mas nós não estamos e, portanto, como nós não estamos, levamos com a visão do mundo que eles nos emprestam, por um lado. E, por outro, o risco acrescido também, que é o facto de não havendo gente no terreno, mesmo essas agências, muitas vezes, receberem a informação de agentes do terreno que não são jornalistas.

Catarina Santos: É um risco, claro, sim. Eu diria que quando nós não conseguimos ter acesso direto à informação, estamos sempre dependentes dos critérios de outros, não é? E por mais que haja muito trabalho, obviamente muito válido, feito pelas agências mais respeitáveis e os critérios sejam jornalísticos, sejam, na maior parte dos casos, os corretos, mas não somos nós, não é? Faz sempre diferença, não é? Ou seja, as agências deveriam ser um apoio ao trabalho de qualquer redação e não a base primordial de onde nós vamos buscar a nossa informação do que se passa lá longe, não é? E às vezes lá longe não é assim tão longe, nem sequer é preciso ser assim tão longe. Porque, lá está, colocar o jornalista no terreno tem um custo e tem um custo que, hoje em dia, já tem que ser contado quase ao cêntimo, não é? Quantas dormidas são? Quantas dormidas são e quanto é que custa o voo e quanto é que custa a alimentação? Em alguns sítios, quanto é que custa o *fixer*, não é? Que é o produtor local que, em muitos cenários, um jornalista não pode prescindir, não é? Porque senão não consegue fazer o seu trabalho.

Luís Miguel Loureiro: Serve de tradutor, serve de... De intérprete, serve também de elemento de ligação às comunidades, às realidades, etc.

Catarina Santos: Sim, sim, e sem o qual muitas vezes a própria segurança do jornalista está em causa se não recorrerem a esses serviços e, portanto, todos esses fatores fazem com que esta dependência seja maior e, depois, as próprias agências também enfrentam esses mesmos problemas. São máquinas, normalmente, as maiores, sobretudo, são máquinas mais robustas, mas não devem deixar de ser máquinas que fazem parte da indústria dos média, não é? E tirando muito raras exceções, diria que toda a indústria dos média por todo o mundo está há muitos anos a debater-se com esta questão do modelo de negócio, não é? Com uma adaptação, uma tentativa de adaptação que não conseguiu encontrar, ainda, uma forma de chegar às condições que teve - económicas - que teve há uns anos atrás.

Luís Miguel Loureiro: E, portanto, condições que garantem a independência do jornalismo, que é o grande busílis da questão, não é?

Catarina Santos: Sim, mas depois, no fundo, é sempre disso que estamos a falar, não é? Claro. É sempre disso que estamos a falar até no nível mais particular. Um jornalista precário é necessariamente menos independente. E não é porque não tenha os princípios certos dentro de si, é porque está sujeito a uma série de outras lógicas necessariamente, ou seja, desde logo, o medo de perder aquela posição. O medo de... Por mais apaixonado que seja pelo que faz, deixar de o poder fazer, se exercer toda a sua liberdade, não é? Até no ponto de não se poder cultivar. Um jornalista que não possa consumir outras coisas, não é? Ter tempo para, fora da redação, se cultivar, ler livros, ir a palestras, ir ver teatro, ir ao cinema, abrir a sua própria cabeça... E levantar questões fora do seu âmbito do dia-a-dia é necessariamente um jornalista pior e mais condicionado e mais atado. E, portanto, a nossa independência fica em xeque até aí, não é? Desde aí, logo, portanto. Isto depois vai só aumentando quando começamos a olhar para cenários em que a capacidade económica é, de facto, um entrave.

Luís Miguel Loureiro: Fala-me agora um bocadinho da... porque se olha para a tua experiência e percebe-se que tu... E, nomeadamente, quando falava há pouco dos prémios, etc., eles dependem, basicamente, de uma dedicação da jornalista, neste caso,

da pessoa, a contrariar esta máquina toda. Porque, na verdade, tu tiveste que sair, tu tiveste que ir para fora, tu tiveste que viajar, conhecer outras realidades, conhecê-las bem, mergulhar nelas. Foi isso que te trouxe o jornalismo premiado, ou seja, é isso que contribui para a qualidade do jornalismo que tu produziste, não é? Depois, claro que o jornalista também tem que ter qualidades intrínsecas, saber pegar bem, saber ter unhas para tocar aquela guitarra, não é? Mas há, de facto, também aqui uma reflexão importante a fazer, ou seja, a partir da tua própria experiência, como é que tu olhas para a situação dos jornalistas hoje, quando nós sabemos que, efetivamente, há nas redações bons jornalistas, mas as pessoas se queixam de que não há... que há pouco bom jornalismo?

Catarina Santos: Da minha experiência, o que posso dizer é que eu não podia ter feito nada disso e do privilégio que tive, em vários momentos, de poder ter tempo - não só de ir para o terreno, mas, depois, para ficar a tratar o trabalho com o tempo necessário... Eu não poderia ter feito nada disso sem que a minha estrutura, em que estava inserida, me possibilitasse isso e percebesse que isso era importante.

Luís Miguel Loureiro: Mas isso tem que ser conquistado, desde logo, por ti...

Catarina Santos: Não só, ou seja, depende, porque depende muito de como as estruturas funcionam. No meu caso concreto, eu devo dizer que eu era ainda muito juvenzinha quando tive o privilégio, por exemplo, de começar a acompanhar a chamada crise dos refugiados, ali em 2014, até antes daquela vaga toda chegar à Europa, e eu tive a sorte de ter chefes que perceberam a urgência do assunto e que perceberam que, já sendo difícil, lá está numa redação, libertar uma pessoa para ficar tanto tempo de volta de um assunto, perceberam que era importante e que me impulsionaram a fazer isso. Portanto, nesse caso eu tive a enorme sorte de...

Luís Miguel Loureiro: Já é raro.

Catarina Santos: Sim, mas que... vamos lá ver...

Luís Miguel Loureiro: Ainda acontece, digamos assim.

Catarina Santos: Ainda acontece, ainda acontece. É isto. Eu não me canso de dizer que, sendo a maior crítica de muitas das práticas que acabaram por se instalar em muitas redações hoje em dia, faz-se muito bom jornalismo e ele também depende, e depende muitas vezes disso, de existirem nas redações estruturas que elas próprias estão todos os dias a tentar, o mais possível, que se abram estas brechas, que se abra este espaço para que, no meio de tudo, se consiga ir continuando a fazer bom jornalismo. Portanto, muitas vezes, é um misto, imagino de o jornalista querer muito fazer aquilo e dedicar-se totalmente a fazer o melhor que consegue, mas também ter esta estrutura, ter alguém à volta que percebe a importância daquilo e dá espaço para aquilo.

Luís Miguel Loureiro: Catarina, essa experiência dos migrantes, dos refugiados... os refugiados surgem dos conflitos, das guerras, etc., que de facto já marcaram a década anterior, agora parece que temos o mundo todo a explodir à nossa volta, não é? Portanto, já nem se fala dos refugiados, já nem se fala das crises de refugiados que podem vir aí por causa daquilo que está a acontecer e depois fala-se de alguns refugiados e não se fala de outros, portanto visibiliza-se uns em detrimento de outros. Como é que, neste momento, tu vês o noticiário internacional e os jornalistas despertos para o noticiário internacional, nomeadamente para as dificuldades que existem de reportar a partir do terreno, de reportar a verdade, quando nós estamos numa realidade que faz tudo... onde à volta do jornalismo se faz basicamente de tudo para suprimir a verdade.

Catarina Santos: Eu vejo muitos casos, ainda assim, de jornalistas que tentam remar contra essa maré diariamente. E acho que depende muito dos meios onde estamos a trabalhar. Mas acho que é uma preocupação genérica dos... não sei, eu não quero usar mal as palavras, mas de quem seja realmente jornalista, não é?

Luís Miguel Loureiro: Os jornalistas que estão, neste momento, nas redações têm uma formação sólida nestas questões do mundo, estão despertos para estas questões do mundo... achas que despertaram porque, por exemplo, há bocadinho estávamos noutra conversa e nessa conversa eu, por exemplo... a minha geração cresceu sobre a queda do

muro de Berlim, sobre um mundo em paz, finalmente podemos nos preocupar com o nosso pequeno mundinho. Os problemas que temos aqui... e portanto desligámo-nos. Houve uma geração de jornalistas bastante importante, que muitos deles estão nas chefias das redações, é importante dizê-lo também, que se desligaram do contexto do noticiário internacional e da importância do noticiário internacional.

Houve muito projeto jornalístico feito em Portugal nas últimas décadas construído, basicamente, sobre o noticiário nacional e, quando nós temos de um momento para o outro o mundo a explodir à nossa volta, o que é que tu constatas relativamente à redação que tens à tua volta? Eu sei que estás desperta para estes problemas, quem despertou para as crises de refugiados há mais de 10 anos está certamente desperta para estes problemas e, mais, consegue ligá-los uns aos outros, consegue interligá-los, que outro dos problemas é as pessoas não conseguirem fazer este contexto. Como é que tu olhas para a tua volta?

Catarina Santos: Eu acho que nós crescemos, como tu dizias, a nossa geração cresceu... até na escola nós crescemos a achar que pronto, isto agora estava, porque já tínhamos passado por circunstâncias... a geração antes de nós tinha passado por circunstâncias tão extremas que aquilo ainda estava fresco na nossa memória e nunca mais ia voltar a acontecer... Então, sim, tivemos essa ilusão de que, pelo menos no nosso universo, estaríamos um bocadinho mais livres de conflitos. E, hoje, o que eu vejo acontecer - e estou a falar de um panorama geral dos média em Portugal - o que eu vejo acontecer é, em alguns casos, uma continuidade de preocupação de... de dar as coisas com profundidade e, às vezes, isto implica aprender rápido. Ou seja, eu acho que, sobre chegar a uma redação com formação para isso, seria ótimo, mas na maior parte dos casos isso não existe, mas isso não é grave. Desde que o jornalista possa ter as condições para aprender, pesquisar, para se inteirar... Porque, às vezes, isso nem sequer é mau - nós não dominarmos totalmente um assunto... Nós temos é que manter essa curiosidade, saber como procurar as fontes, saber com quem é que nos devemos informar e ter essa curiosidade para sairmos do nosso centrinho e procurar outras perspetivas sobre a mesma história.

E, às vezes, até é bom porque vamos fazer perguntas melhores do que se já dominarmos muito um assunto... às vezes quando pomos um jornalista de outra secção a cobrir uma

área, ele acaba até por fazer ali uma coisa um bocadinho mais que vai de encontro às questões que toda a gente faz. Mas depois, ao mesmo tempo... Isto é por um lado. Por outro lado, vejo uma espetacularização dos conflitos atuais, que me preocupa muito, e vejo uma forma de mediatizar estes conflitos que se aproxima muito mais de um *infotainment* perigoso e com consequências muito perigosas, no público e na perceção do público, e que me preocupa, me preocupa muito, porque eu acho que nós, muitas vezes, temos que nos confrontar, também, com a atenção que as pessoas têm para disponibilizar para certos temas mais difíceis... e quando nós, diariamente, vulgarizamos a forma como... de forma sensacionalista exploramos estes temas, nós estamos a desbaratar essa atenção, mesmo a pouca que exista. E, portanto, acho que é um bocadinho isto: por um lado, vejo redações que ainda lutam todos os dias contra a corrente, e vejo, por outro lado, esta espetacularização da informação internacional que eu acho que tem consequências péssimas,

Luís Miguel Loureiro: Eu penso que também estarás a observar, nessa espetacularização, a narrativização dos conflitos, ou seja, a transformação de conflitos em zonas duais, apenas, bons e maus, maniqueísmos que correspondem, no fundo, àquilo que a gente vê nos filmes.

Catarina Santos: Sim, sim, exatamente.

Luís Miguel Loureiro: Ou seja, nós todos sabemos, até da nossa vida, que os conflitos surgem com muitas nuances. Nós sabemos que, quando nos separamos de alguém, por exemplo, isso se calhar teve culpas do outro lado, mas também teve culpas nossas, etc. Portanto, não há bons e maus na nossa vida, na vida real.

Catarina Santos: Só que isso é a narrativa mais difícil, não é? Nós vemos isso de forma geral, não é? Ou seja, a falta de paciência, muitas vezes até para consumir, de uma forma mais aprofundada, um tema. E basta dar um exemplo da quantidade de notícias que não são abertas, não é? As pessoas leem o título e depois há toda uma celeuma à volta de títulos de notícias, só. E imensos comentários e reações inflamadas nas redes sociais. E as pessoas nem sequer se deram ao trabalho de abrir a notícia, não é? Portanto, essa

falta de paciência para a complexidade, essa procura de respostas simples, é um traço transversal a várias áreas da sociedade, que tem, também, a ver, naturalmente, com este excesso de informação, com a forma como nos relacionamos, com o quão assoberbados estamos permanentemente de informação. E, aqui, não estou a falar só de informação jornalística, é toda a quantidade de informação que nos rodeia todos os dias.

Luís Miguel Loureiro: E a culpa é de quem, Catarina? Porque é assim... Porque as pessoas dirão, mas então os jornalistas têm culpa, não é? Eles é que fazem os títulos, eles é que não sei o quê. É importante, se calhar, relativizar a culpa dos jornalistas e, eventualmente, identificá-la aonde ela precisa de ser identificada. Naquilo que poderíamos designar, sei lá, a máquina, que é... eu vou pegar uma imagem dos Pink Floyd, não é? *Welcome to the machine*. Que é, de facto, uma... Máquina de produção das notícias, que é uma máquina industrial, industriada, em que os jornalistas são envolvidos, muitas vezes, até porque têm, simplesmente, que ter um ordenado ao fim do mês, não é?

Catarina Santos: Sim. Há essa questão, lá está, que nos leva de novo para a questão do modelo de negócio que deixou de ser rentável da maneira que foi durante décadas e décadas, pela publicidade. Pronto, esse modelo rompeu-se. E... E como continuamos à procura do modelo de negócio, estamos muito mais permeáveis, não é? A uma série de fatores que não deveriam estar em cima da mesa quando se está a decidir o que é que é a notícia.

Perguntavas de quem era a culpa. Eu acho que... Lá está. Há este lado de como muitos órgãos de comunicação estão à procura do modelo de negócio, não é? E continuam à procura e a tentar recuperar essa... A sustentabilidade, que é fundamental para a nossa independência. E há, por outro lado, também aqui um papel de literacia mediática que é urgentíssimo de se fazer desde a base. Porque se nós não temos cidadãos exigentes, se nós não temos cidadãos que já não queiram isto, não é? Que não queiram compactuar com esta maneira completamente sedentária da informação chegar até si, nós também não vamos ter melhor jornalismo. Porque a coisa... Uma coisa está dependente da outra. Nós precisamos de leitores exigentes. Nós precisamos de leitores

que critiquem, que não aceitem ser manipulados, que não aceitem que estejam a usá-los desta maneira. Mas se esses cidadãos estiverem só confortavelmente, de forma apática, a ver as suas redes e a não se importarem com esta manipulação que lhes é feita, isto é um ciclo que se alimenta com estes fatores todos. Portanto, eu acho que literacia mediática, desde a pré-primária e de uma forma constante, não com uma palestra que, de vez em quando, acontece no meio do percurso académico dos miúdos, acho que é urgente. Acho que é das coisas mais urgentes.

Luís Miguel Loureiro: Catarina Santos, muito obrigado por vires ao Estados do Tempo a este sétimo episódio. Eu disse que era um número mágico, avisei e acho que tinha razão. O Estados do Tempo, neste sétimo episódio, termina aqui. Eu quero apenas lembrar que está online a sondagem bimensal do BIP, do Barómetro para a Qualidade de Informação, uma das duas plataformas que promove o Estados do Tempo e que o realiza. A sondagem tem esta pergunta: Como avalia a qualidade da produção jornalística sobre o comboio de tempestades que, entre 22 de janeiro e 8 de fevereiro, atingiu Portugal? Portanto, é ir ao site do BIP, b-info.pt, e dar-nos também informação acerca daquilo que acha da qualidade da informação. Muito obrigado. Mais uma vez, o próximo episódio será o oitavo, mas o sétimo foi este e foi muito bom. Muito obrigado.

Catarina Santos: Obrigada.

Luís Pinto: Assim chegámos ao fim do episódio de março de 2026 do Estados do Tempo. É o episódio número sete. Hoje com a gravação, edição e pós-produção de Pedro Gaspar, a moderação de Luís Loureiro e a convidada Catarina Santos. A curadoria é de Tiago Estêvão e a apresentação é de Luís Pinto. Em nome da equipa responsável por esta produção, obrigado por estar desse lado e até ao próximo episódio do Estados do Tempo.

[música de encerramento]